

RONDON E AS MISSÕES DE PAZ

Paulo Dartanhan Marques de Amorim

Cel Cav

pdart.rj@gmail.com

A saga de Rondon é pouco conhecida no Brasil. Conhecemos apenas a campanha no sertão, o trato com os índios e os trabalhos telegráficos. Desconhecemos o seu desempenho como Diretor de Engenharia do Ministro Calógeras o exitoso Comandante de Força Terrestre em operações militares e o seu desempenho na primeira missão de paz comedida ao Brasil. O credo positivista ornou sempre o seu caráter imaculado e altivez das suas atitudes.

Com a vitória da revolução de 1930 e a consequente interrupção do regime democrático solicitou passagem para a reserva, em caráter irrevogável. Ninguém conseguiu demovê-lo da atitude tomada.

Não cessaram, entretanto, os inúmeros apelos aos seus serviços ao Brasil e a paz...

Ao completar 69 anos, já há quatro na reserva, recebeu do governo da República uma nova e inusitada missão no cenário sul-americano e no contexto da Sociedade das Nações, organismo que antecedeu a criação da Organização das Nações Unidas, nos seus fins e objetivos.

O Brasil se oferecera para harmonizar os problemas decorrentes do dissídio entre o Peru e a Colômbia, com propósitos estabelecidos no Protocolo de 24 de maio de 1934 que tomara sem efeito a Declaração de Guerra entre as duas Repúblicas.

Nomeada uma comissão mista de delegados do Peru, da Colômbia e do Brasil, surgiu a questão da designação do brasileiro que seria o Presidente da mesma.

Uma lista de nomes, elaborada pelo Ministro Mello Franco foi apresentada ao Presidente Getúlio Vargas que após examiná-la com minudência escolheu um dos últimos nomes: o de Rondon. O velho soldado, já com idade avançada para a época, procurou declinar do honroso convite, não se achando em condições de cumprir aquela missão de natureza diplomática.

Getúlio, que sabia como ninguém convencer os homens e contornar situações difíceis, conseguiu imbuir Rondon da importância daquela missão e da confiança no êxito da sua atuação.

– "Queira Vossa Excelência designar dia e hora para a minha partida".

Encerrou Rondon, secamente como era do seu feitio, a audiência com o Presidente.

A Comissão teria o prazo de quatro anos para solucionar a intrincada questão. E, assim, a 16 de junho de 1934 voava Rondon do Galeão para Manaus onde se instalaria a Comissão a 23 do mesmo mês e a 11 de junho partia para Letícia onde montou seu gabinete no bairro La Vitória.

Iniciando os trabalhos, Rondon percorreu todo o território do Solimões e do Putomaio, na área contestada. A dificuldade inicial consistia no complexo Protocolo de 24 de Maio. Procurou ver tudo e muito ouvir, antes de iniciar a missão e estabelecer objetivos.

De início, conseguiu permissão para construir uma casa de madeira, pois seria a primeira vez que se faria acompanhar da sua adorada esposa a quem estava reservado um papel extraordinário no êxito do General. Levou também ternos bem talhados de linho branco e os impecáveis uniformes do novo regulamento. Agiria como diplomata, mas antes de tudo como um soldado que sempre fora.

Considerando a sua idade, o local e as circunstâncias, podemos avaliar que foi uma missão de sacrifício que lhe rendeu restrições para o resto da vida.

No seu período de permanência em Letícia foi surpreendido por um telegrama que anunciava estar tomando vulto o seu nome para candidato de conciliação à sucessão presidencial. Não se entusiasmou com o fato. Por diversas vezes recusou cargos eletivos que lhe foram oferecidos com insistência.

A invulgar inteligência de Rondon, aliada a sua modéstia e paciência, muito contribuiu para o êxito final alcançado quando, na manhã chuvosa de 4 de agosto de 1938, ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, foi recebido com extraordinárias homenagens decorrentes do cumprimento integral da missão que lhe fora atribuída.

A grandeza de Rondon não se deixou ofuscar pelas homenagens. Atribuiu o êxito da missão a atuação da sua incomparável esposa e a doutrina que norteava toda a uma vida no sentido da Fraternidade Universal.

Cumpra notar, ainda, que os diversos delegados da Comissão Mista por diversas vezes se ausentaram do posto ou foram substituídos pelos respectivos Governos. Rondon não se afastou um só dia.

O rigor naquilo que considerava o cumprimento do dever custou-lhe a perda da visão. Um glaucoma inutilizou um dos seus olhos e reduziu a um quarto a visão do outro que, gradualmente, foi declinando até a cegueira total.

Isolado no setentrão, além de não contar com instruções normativas, não era assistido por pessoal especializado. Não tinha a quem consultar a não ser o seu proverbial bom senso e esclarecida inteligência. Por que não o consagramos como PATRONO DAS MISSÕES DE PAZ?